

Banqueiros preferem emprestar mais a aceitar capitalização dos juros

REGIS NESTROVSKI

Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Amanhã em Seul duas propostas dominarão a 40ª Reunião do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. Uma será a proposta do Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, de mais dinheiro para o Terceiro Mundo, incluindo um fundo de ajuda de US\$ 5 bilhões e um fundo de quase US\$ 20 bilhões para ser repassado nos próximos três anos. A outra proposta, a ser apresentada pelo Ministro da Fazenda do Brasil, Dilson Funaro, prevê capitalização dos juros da dívida e não agrada aos banqueiros americanos.

— A proposta de oferecer mais dinheiro, com novos empréstimos, é menos ruim do que a capitalização dos juros. Já tivemos este problema antes. Isto ocasiona atritos com as leis dos Estados Unidos. Os reguladores e contadores que trabalham na dívida sabem disso. Você pode falar com a firma Price Waterhouse que eles vão lhe dizer o mesmo, comentou um banqueiro americano credor do Brasil.

Uma maior atuação do Banco Mundial também será discutida em Seul e tem o apoio dos bancos nos Estados Unidos. Isto já foi feito com o Chile quando o Banco Mundial deu a garantia para empréstimos feitos pelos bancos. Já a posição do Brasil é tranquila, pois os juros têm sido pagos em dia e externamente isto é muito favorável. Há problemas como uma moeda instável e uma inflação alta e isto acarreta dificuldades de investimento no Brasil, o que gera uma capacidade industrial ociosa. Por isso, no caso de necessitar de novos recursos, acredito que o Brasil não terá problemas, acrescentou o banqueiro.

As edições dos jornais americanos dão grande destaque à conferência em Seul. A manchete do "The New York Times" é que 'Estados Unidos quer mais ajuda a países do Terceiro Mundo'. O editorial do jornal também diz que só os países devedores conseguiram fazer-se ouvir e que por isso Seul vai ser a conferência sobre os endividados. O México detonou a bomba da dívida externa em 1982 na conferência de Toronto e repete a dose três anos depois, concluiu o jornal.